

SOUL DO HIPHOP: A CHEGADA DO RAP NO BRASIL

Luísa Nunes Mendonça de Lima

Resumo: O gênero musical RAP, derivado da cultura HIPHOP, nascido no bairro do Bronx (EUA) em meados da década de 1970, foi consequência de alguns antecedentes histórico-culturais, dentre eles o movimento de imigração de povos africanos para as Américas com o tráfico negreiro e, posteriormente em um segundo momento, no pós segunda guerra, período em que a pobreza e as más condições de vida nas ilhas caribenhas (Jamaica, Cuba e Porto Rico) obrigaram homens e mulheres pobres a buscar trabalho nos EUA. Houve ainda uma troca cultural das tradições orais africanas de rodas de conversa (os *griots*, conhecidos como guardiões da tradição oral de um povo), que posteriormente se uniram à ginga dos guetos estadunidenses. Foi no início dos anos 80, junto à febre do funk e dos bailes black, que o RAP foi ganhando espaço em solo brasileiro. Hoje, sendo um dos gêneros musicais mais consumidos da história, os artistas de RAP abordam temas político-sociais em comum a determinados grupos excluídos historicamente, denunciando o caos presente nas periferias, a violência policial, o racismo, o machismo, como também apresentam na mesma levada temas como ostentação e dinheiro, na busca por uma vida mais digna, com menos desigualdade. Este presente artigo, resultado de minhas pesquisas de monografia, aborda não apenas as cidades do Brasil que a cultura HIPHOP tomou conta nos anos 80, como também sobre as abordagens do RAP em cada camada social, desde o movimento negro até o movimento feminista, portanto, uma discussão que envolve raça, classe e gênero.

Palavras-chave: RAP nacional; Cultura de resistência; Musicalidade.

HIPHOP SOUL: THE ARRIVAL OF RAP IN BRAZIL

Luísa Nunes Mendonça de Lima

Abstract: The musical genre RAP, derived from the HIPHOP culture, borned in the Bronx neighborhood (USA) in the mid-1970s, was the result of some historical and cultural antecedents, among them the movement of immigration of African people to America with the slave trade. Later on, in a second moment, in the post-war period, a period in which poverty and poor living conditions in the Caribbean islands (Jamaica, Cuba and Puerto Rico) forced poor men and women to seek work in the USA. There was also a cultural exchange of African oral traditions of conversation circles (the griots, known as guardians of the oral tradition of a people), which later joined the beat of the American ghettos. It was in the early 80s, along with the funk fever and black dances, that RAP was gaining space on Brazilian ground. Today, being one of the most consumed musical genres in history, RAP artists address political and social themes in common with certain historically excluded groups, denouncing the chaos present in their communities, against the police violence, racism, sexism, at the same time also present in themes as ostentation or money, in the search for a more dignified life, with more equality. This present article, the result of my monograph research, addresses not only the cities of Brazil that the HIPHOP culture took over in the 1980s, but also about RAP approaches in every social layer, from the black movement to the feminism, therefore, a discussion involving race, class and gender.

Keywords: National RAP; resistance culture; Musicality.

INTRODUÇÃO

O que em um primeiro momento, configurou-se como uma reação à luta de classes e ao sistema, posteriormente, ganhou um maior espaço dentre os jovens de classe média norte-americana. A consciência do HIPHOP como um movimento político aconteceu depois, com o engajamento dos artistas e a valorização do gênero nas mais variadas formas midiáticas. Começou como um movimento, que tinha a finalidade de acalmar os ânimos de gangues rivais que atuavam nos EUA daquele momento através da arte, cessando possíveis desentendimentos e substituindo-os por competições de dança e música.

No livro “Se liga no som: as transformações do RAP no Brasil”, o músico e antropólogo paulista Ricardo Teperman descreve o nascimento do movimento HIPHOP ao mesmo tempo que analisa a expressão e seu contexto. O RAP nasce a partir de uma fusão entre dois dos quatro elementos pertencentes à cultura HIPHOP¹: o MC² junto ao DJ³. Os outros dois elementos são constituídos do b-boy/ a b-girl (os dançarinos de break⁴) e do graffite⁵ se configuram em manifestações corporais e artes visuais, respectivamente, que também tecem críticas ao ambiente urbano, à desigualdade, aos padrões impostos, etc. (TEPERMAN, 2015). Apesar de ter se incorporado à indústria, o *RAP* não perdeu sua essência de fazer críticas ao sistema, pelo contrário, acentuou-as.

A mensagem do *RAP* contém uma narrativa considerada agressiva, dado que, diferente de outros estilos musicais predominantes na época, o *RAP* não massageava egos, não fazia propaganda de governo. Pelo contrário, tratava-se sujeitos sociais

¹ A expressão abrange uma série de perspectivas em seu significado, teria surgido em uma das apresentações de MC's, onde o improviso faz parte da performance (nas apresentações de *RAP* da América do Norte, o improviso recebe o nome de *freestyle* e consiste na criação de rimas na hora pelo MC); a palavra *Hip* significa uma adesão e valorização a modas e estilos recentes, enquanto a palavra *Hop* faz referência a mexer o corpo, pular e dançar.

² Mestre de Creimônia, aquele que representa o cérebro, a ideia, a mente.

³ Disc- Jôquei, que representa a alma do rap, traduz o ritmo como essência da vida.

⁴ Este tipo de dança tem em seu cerne um aspecto político, ao mesmo tempo que inaugurou uma nova forma de dança com passos robóticos, giros, contorcionismo; passos que se contrapunham às danças clássicas e elitizadas do período; eram os que criavam a coreografia para o *RAP*. Sua origem é ligada à guerra do Vietnã, como sendo uma crítica aos helicópteros e às pessoas mortas na guerra, onde muitos soldados que morreram em combate eram afrodescendentes; outros estudos apontam para a influência da capoeira nos passos de break.

⁵ Em inglês, street art, representando a arte e as cores como um meio de comunicação existente entre as periferias.

criadores e protagonistas de um gênero que entra em choque com a cultura oficial e dominante: a denúncia da desigualdade social, a situação do negro em uma sociedade segregada, como a dos EUA, o desejo de possuir tudo o que uma pessoa branca tinha acesso, porém, sempre lhes era negado (liberdade, essencialmente, mas também objetos materiais como carros, dinheiro, joias, etc.) e as constantes perseguições que sofriam pela polícia por sempre considera-los *subversivos* eram os principais temas pelos quais o RAP embarcou. Richard Shusterman (1998), filósofo americano estudioso das artes voltadas para o canto, faz o seguinte destaque ao HIPHOP em sua obra *Vivendo a arte: a estética pragmatista e a estética popular*:

O hip-hop realmente trata de temas universais como a injustiça e a opressão, mas ele se situa orgulhosamente como uma *música de gueto*, adotando como temática suas raízes e seu compromisso com o gueto negro urbano e sua cultura. O rap evita a sociedade branca exclusivista (ainda que existam *rappers* brancos, assim como um público branco) e focaliza as características da vida do gueto que os brancos e os negros de classe média prefeririam ignorar: prostituição, cafetinagem, drogas, doenças venéreas, assassinatos de rua, perseguição opressiva de policiais brancos. A maioria dos rappers definem seu domínio com temas bem precisos, frequentemente não apenas citando a cidade, como também o bairro de sua origem, como Compton, Harlem, Brooklin ou Bronx. Mesmo quando ganha uma dimensão internacional, o rap continua orgulhosamente local; encontramos no rap francês, por exemplo, a mesma precisão de origem de bairros e a mesma atenção voltada para problemas exclusivamente locais. (SHUSTERMAN, 1998, P. 153)

Dentre as nomenclaturas que o RAP da periferia incorporou nessa época e contexto histórico está a palavra *underground*, que do inglês significa “subsolo” ou “subterrâneo”, não apenas porque antigamente os *dj’s* apresentavam-se em ambientes localizados abaixo do solo, longe das casas de dança famosas que a população branca e rica costumava frequentar, mas também designa um estilo cultural que não segue modismos ao mesmo tempo que não ganha atenção da mídia, já que suas preocupações são sociais, vinculadas ao cotidiano da população excluída e segregada: os negros, ciganos, latinos. Essa nomenclatura se adequou não apenas ao HIPHOP, mas também a

outras tribos urbanas e estilos⁶ gerando um ambiente de denúncia, mas principalmente de reflexão com relação à realidade vivida pelos jovens que compunham a periferia naquele momento.

O trocadilho presente no título deste artigo em particular faz referência a uma música do rapper Thaíde⁷, um dos pioneiros do movimento HIPHOP em solo brasileiro. Nesta composição de 1994, o *rapper* constrói uma narrativa sobre os primeiros registros do que ficaria conhecido mais adiante como *rap*, na configuração de *MC* e *DJ*. O professor doutor em história pela Universidade Federal de Uberlândia, Roberto Camargos (2015) em sua obra “*RAP e política: percepções da vida social brasileira*”, traz uma análise sobre o surgimento do gênero no país. De acordo com seus estudos, foi através dos *bailes black*⁸, que se disseminou pela primeira vez a cultura HIPHOP no Brasil (CAMARGOS, 2015). Além das apresentações de grupos de *break* (coreografias em estilo robótico), este era um momento de lazer, diversão e outras vezes, brigas; ao mesmo tempo que havia um encontro de pessoas com gostos e ideias em comum que não se encontrava em outros lugares: era um novo contexto que possibilitava uma boa recepção do *RAP* norte-americano, o que fez com que novos artistas locais passassem a se identificar e produzir esse tipo de música (CAMARGOS, 2015).

Somos das ruas, nas ruas vivemos e aprendemos
Lutas e lutas, graças a Deus hoje estamos vencendo
Jovens oprimidos e sem opção
Fizeram de um movimento sua expressão
Movimento *HIP-HOP* assim foi chamado
Mais tarde, pode crer, ficou consagrado
Breakers, grafiteiros, DJ's e MC's
Somos donos das ruas e estamos aqui.⁹

Nestes bailes, que ganharam mais destaque no ano de 1986, além de músicas estrangeiras também tocava a última moda no Brasil: a MPB, o *soul*, o samba e o *funk*¹⁰.

⁶ A exemplo do punk, do rock, do funk, manifestações artísticas que nascem da crítica social e transformam-se em ritmos e letras; resultado de manifestações populares que ocupam o ambiente urbano e são abertamente contra a cultura e sistema dominantes.

⁷ Altair Gonçalves.

⁸ Ambientes modestos os quais, de tempos em tempos, funcionavam como espaços voltados para jovens – em sua maioria, composta de homens e mulheres negros das periferias paulistas e cariocas, em um primeiro momento- se manifestaram através da dança, da música e da arte trazidas pelos cliques e filmes que narravam o dia a dia de *gangsters* norte-americanos.

⁹ Thaíde e DJ HUM, *Soul do Hip Hop*.

¹⁰ Este último, inspirado no gênero *Miami bass* de origem estadunidense, mais tarde se tornaria, junto ao samba, um dos principais gêneros populares de origem brasileira/ carioca, seguido de uma batida

Em alguns desses bailes, apresentavam-se artistas consagrados e conhecidos pela população que vivia na periferia, a exemplo de Tim Maia, Jorge Ben, Sandra de Sá e o estadunidense James Brown, artistas negros que, naquele momento, já criavam canções que permeavam a crítica social em um período sensível para a arte, especialmente para a música nacional, pouco tempo após a abertura política e o fim da ditadura militar que durou de 1964 a 1985. Nesse momento, é possível perceber um desmembramento entre a música existente no Brasil com a chegada de um novo gênero: diferente da ironia tênue, do sarcasmo discreto e complexidade melódica presentes na MPB, o RAP apresenta uma denúncia escancarada dos abismos sociais que existiam no Brasil dos anos 1980 e continuam existindo até hoje.

Foi na estação São Bento, um dos centros históricos da cidade de São Paulo, que o movimento saiu dos bailes e ganhou mais força, contagiando um maior número de jovens inquietos com a desigualdade social e econômica existente no país, que fortificava cada vez mais o sistema neoliberal e capitalista, especialmente a partir da década de 1990 (CAMARGOS, 2015). Pouco tempo depois, essas reuniões aconteciam em outros locais e acolhia milhares de pessoas que possuíam identificações com o RAP e sua mensagem que, ao mesmo tempo que denunciava uma realidade ignorada vivida na periferia, exaltava os trabalhadores, crianças, idosos e famílias que vivem nessa periferia e, apesar de tudo, seguem em frente em busca de uma vida melhor. A partir dos encontros desses artistas nas comunidades, foi possível criar mecanismos de participação ativa da população no desenvolvimento das mesmas pelos próprios moradores junto à órgãos governamentais (CAMARGOS, 2015). Os moradores da periferia brasileira, seus medos, anseios e sonhos, são aspectos bem explorados nas letras de rappers e MC's¹¹ brasileiros; o RAP, portanto, deu oportunidade de protagonismo para estes moradores, mesmo que indiretamente.

Quando me lembro dos tempos da São Bento
Vamos dizer, o começo do movimento
Lutamos de várias maneiras para conseguir nosso espaço
Não acostumados ao fracasso
Mas preparados para surpresas e avarezas

original e munido de críticas sociais similares ao *rap*; com o passar do tempo, o *funk* enveredou por outros caminhos.

¹¹ A saber: *Rapper* é o personagem que faz uma música de RAP seguindo uma estrutura musical que envolve a levada, o instrumental, a lírica do artista. Já o MC (Mestre de Cerimônias) é quem mantém a atenção das pessoas voltada para o evento ou apresentação em questão, envolvendo a plateia através de gritos de guerra ou versos improvisados.

Nunca muito, nem muito pouco, mas saímos do sufoco
Graças ao nosso esforço, conseguimos
Jornais, rádios, revistas
Mas ainda é muito pouco¹²

Dentre os primeiros grupos paulistas de *RAP* e *rappers* solo que se formavam naquele período, a exemplo de *Rappi'n Hood*, Thaíde, Código 13, RZO (Revolucionários da Zona Oeste), o grupo que teve mais destaque no fim dos anos 1980 foi o *Racionais MC's*¹³, na região do Capão Redondo; formado pelos MC's *Mano Brown*¹⁴, *Edi Rock*¹⁵, *Ice Blue*¹⁶ e pelo *DJ KL Jay*¹⁷, este grupo teve uma participação imprescindível na construção, desenvolvimento e expansão do gênero pelo Brasil, influenciando jovens das periferias do Brasil e propagando sua mensagem até atingir todas as classes sociais. Sobre isso, a cientista social Maria Eduarda Guimarães (1999), estudiosa da influência da música negra no país analisa a importância do grupo dentro da periferia onde teve início, sua narrativa traduz a essência do *RAP*, entrelaçando o debate de raça e classe nas letras, resultado de uma análise crua do crescimento desordenado de regiões periféricas perpassado pelas consequências da vida no crime, do uso de drogas, da falta de oportunidade de emprego para pessoas negras, da violência psicológica e física da polícia militar, que é uma das heranças da ditadura, portanto, um movimento que se deu da periferia para o centro (GUIMARÃES, 1999). A seguir um trecho retirado da obra de Guimarães de uma entrevista com KL JAY sobre a relação dos Racionais MC's com a periferia:

[...] na periferia, a gente toca com prazer porque estamos ao lado do nosso povo. Eles entendem o que os Racionais falam nas letras. [...]. Para se apresentarem em festivais comerciais cobramos três vezes mais do que estamos acostumados para tocar nesse festival. Vamos lá, pegamos o dinheiro, tocamos e voltamos para a periferia. Os *playboys* têm de pagar mesmo. Eles devem muito pra nós, pretos. Foram na África e escravizaram nosso povo que enriqueceu a Europa e a América. Estamos apenas cobrando, legalmente, esse dinheiro. (KL Jay, DJ e membro do

¹² Thaíde e DJ HUM, Soul do Hip Hop.

¹³ Cujo nome escolhido foi inspirado em um dos álbuns de *soul* do cantor e compositor negro Tim Maia, intitulado *Racional*.

¹⁴ Pedro Paulo Soares Pereira.

¹⁵ Edivaldo Pereira Alves.

¹⁶ Paulo Eduardo Salvador.

¹⁷ Kleber Geraldo Lelis Simões.

Racionais MC's, um dos grupos mais famosos do Brasil e do mundo, em entrevista para o Jornal da Tarde. Jornal da tarde, 4/8/1998, p. 8C, Apud.: GUIMARÃES, 1999; P. 45)

Muitas vezes – se não, em sua maioria-, o RAP é a única opção para um povo que não tem sua voz ouvida. De periferia para periferia, o gênero funciona como uma válvula de escape em vários sentidos: no sentido de se afastar das drogas, do tráfico, no tocante à falta de oportunidades de emprego, do desrespeito e limites impostos por uma sociedade estruturalmente racista. A relação do *rapper* com o público acontece da forma mais amistosa possível: a música acontece a partir de uma proposta de diálogo entre amigos (o MC e seu público), em que existe um relato de experiências em comum ao artista e aos ouvintes. Ao ser incorporado ao sistema capitalista, o *RAP* não deixou de criticar a forma como o poder e o dinheiro corrompem as pessoas; quando participam de eventos em bairros nobres das grandes cidades, se sentem na responsabilidade de cobrar uma dívida histórica na forma de ingresso (GUIMARÃES, 1999). Em outras palavras:

As apresentações não são, dessa forma, apenas uma forma de ganhar dinheiro, mas têm, também, um aspecto político e ético, em que se apresentar na periferia é mais do que fazer um show, é estabelecer um diálogo com os excluídos, ao mesmo tempo que tocar em outro território é tornar-se porta-voz dessa periferia e ganhar um dinheiro que possibilite continuar tocando na e para a periferia. (GUIMARÃES,1999,P.45)

As referências intrínsecas ao *RAP* são as mais diversas: existe a admiração por líderes guerrilheiros que se levantaram contra a dominação estrangeira, a exemplo de Ernesto Che Guevara, em Cuba e Carlos Marighella, aqui no Brasil, morto pelos militares em uma emboscada no ano de 1967; em outras letras, fazem menção Zumbi dos Palmares¹⁸, a Martin Luther King, Bob Marley e Malcom X¹⁹. Desde sua formação, o *Racionais* produziu ao total de 8 álbuns, incluindo Holocausto urbano (1990), Raio X Brasil (1993) e um dos mais importantes, intitulado Sobrevivendo no inferno que recentemente, no ano de 2018, ganhou o formato de livro:

¹⁸ Um dos maiores líderes abolicionistas do Brasil.

¹⁹ líderes do movimento negro mundial.

Gente que acredito, gosto e admiro,
Brigava por justiça e paz levou tiro:
Malcom X, Ghandi, Lennon, Marvin Gaye,
Che Guevara, 2Pac, Bob Marley e
O evangélico Martin Luther King²⁰

No livro que traz as letras do álbum *Sobrevivendo no Inferno* tem introdução do professor Acaum Silvério de Oliveira, que ministra literatura brasileira na Universidade de Pernambuco. Na década de 1990, a periferia foi alvo de inúmeras ações policiais violentas que culminaram na revolta da população, bem como a intervenção de artistas na denúncia destes atos, incluindo o massacre no pavilhão 9, no complexo prisional da Casa de Detenção Carandiru em São Paulo (décadas antes considerado um dos mais seguros do Brasil), que deixou 111 mortos, a maioria sem registros criminais, presos em situação de réus primários; e o massacre da Candelária no Rio de Janeiro, onde oito meninos em situação de rua que descansavam nas escadas da Igreja foram alvejados e mortos pela polícia militar com a desculpa de que possuíam antecedentes criminais ligados com o tráfico na região. Vale salientar que, em contraste com o depoimento dos policiais, nenhum destes jovens tinha ligação com o tráfico (OLIVEIRA, 2018). Trata-se, portanto, de:

Um modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados ‘criminosos’, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública. (OLIVEIRA, 2018, p. 20)

A música abaixo, intitulada “Diário de um detento” possui trechos tirados de um diário de um dos presos do Carandiru na época da chacina, de nome Jocenir Prado, preso na época por receptação de carga roubada e condenado a pouco mais de 8 anos. O presídio do Carandiru tinha uma estrutura para receber 50 pessoas, entretanto, como tantos outros presídios do Brasil que vivem em condições precárias, chegaram a comportar 350 presos²¹, celas que tinham capacidade de abrigar menos de 10 presos, chegaram a comportar mais de 40 pessoas:

²⁰ Racionais MC’s: *Jesus Chorou, Nada como um dia após o outro dia*, 2002.

²¹ A casa de Detenção de São Paulo: A história do Carandiru, disponível em: <http://www.saopauloinfoco.com.br/historia-carandiru/> (acesso em 20/01/2021)

[...]
 Dois ladrões considerados passaram a discutir
 Mas não imaginavam o que estaria por vir
 Traficantes, homicidas, estelionatários
 E uma maioria de moleque primário
 Era a brecha que o sistema queria
 Avise o IML, chegou o grande dia
 Depende do "sim" ou "não" de um só homem
 Que prefere ser neutro pelo telefone
 [...]
 Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
 Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio
 O ser humano é descartável no Brasil
 Como Modess usado ou Bombril²²

Nas cadeias brasileiras, a moral e a ética que se aprendem fora não são as mesmas quando se está dentro; em uma de suas entrevistas na Globo, no programa de Jô Soares²³, Jocenir conta a precariedade e miséria existente nas prisões que esteve quando foi condenado, bem como a situação social dos presos que ali estavam. Por ter uma melhor condição de vida e de escolaridade, após passar por situações em que preferia não acordar vivo no outro dia, Jocenir conseguiu conquistar o respeito dos presidiários, o que lhe deu a oportunidade de escrever sobre a situação até ser procurado por Mano Brown, líder do Racionais MC's, que lhe informou de sua coparticipação na letra após saber da existência de seus diários.

DE SABOTAGE A KAWEX: COMO O RAP ABORDA O CRIME?

Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol
 Vai vendo!
 Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
 E tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver
 Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso
 Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
 Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
 Em busca do meu sonho de consumo
 Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas: O crime.²⁴

²² Racionais MC's: Diário de um detento.

²³ Programa do Jô com Jocenir (disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=W0uTwyol2s4&ab_channel=F%C3%A1bioPrado

Publicado em 30/03/2013)

²⁴ Racionais MC's: A vida é desafio.

Como já mencionado, nada foi feito em reação à reinserção do negro na sociedade no período pós abolição: a imagem do negro ficou associada à pobreza e à marginalidade. A geógrafa e historiadora Lourdes de Fátima Bezerra Carril (2006), estudiosa das comunidades quilombolas e da segregação espacial, social e urbana no Brasil, aponta em sua obra intitulada *Quilombo, favela e periferia* que dentro da lógica de formação do estado brasileiro, existe uma continuidade da exclusão social, que dificulta o acesso da população que configura maioria no país à uma vida de qualidade com ingresso no ensino superior e admissão em vagas de emprego majoritariamente ocupadas por brancos (CARRIL, 2006). Enquanto no exterior a imagem do Brasil é a de um país sem racismo no tocante à teoria da democracia racial²⁵, a realidade do país tem uma estrutura complexa e desigual:

Na periferia predomina o desemprego e a marginalização socioespacial e racial, uma vez que ela é o território da escassez; por sua vez, o sistema oferece outra saída: as redes do tráfico e a criminalidade. (CARRIL, 2006, p. 181)

Em contrapartida, a maioria da população carcerária do país é pobre e negra; muitos com nenhum antecedente criminal ficam presos por anos até que possa ser provado nenhuma relação com o crime (CARRIL, 2006). Há muito tempo, a população negra é a que mais morre no Brasil, ao passo que também é o país que mais mata policiais no mundo. Para além da relação com o crime, a cor da pele ainda é questão de sobrevivência ou morte: no dia 12 de outubro de 2019, dia das crianças, 14 crianças foram atingidas por projéteis enquanto brincavam ou voltavam da escola. Não é de hoje que acontecem casos como o da criança Ágatha Félix, atingida por uma bala de fuzil quando estava dentro de uma kombi durante uma operação policial no Rio de Janeiro.²⁶ O RAP se configura, portanto, em uma das formas de reação à essa violência; já que o poder público que possui estrutura para diminuir a desigualdade não o faz, a própria periferia tomou a frente e, através de um movimento cultural e político, passou a atuar ativamente em uma constante luta pela real liberdade, tornando-se protagonista de

²⁵ Teoria criada no século XX pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) que elogia a colonização portuguesa, o meio e as circunstâncias foram responsáveis pela escravização negra no Brasil, em um momento de tentativa de apaziguamento das relações entre Brasil e os países africanos que sofreram práticas imperialistas lutavam por independência. Portanto, se pregava que não existia racismo no Brasil, já que seríamos uma nação “miscigenada”.

²⁶ <https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/10/2019/regiao-metropolitana-do-rio-teve-20-criancas-baleadas-somente-este-ano>; acesso em 14/10/2019.

sua própria abolição, como explica o *rapper* Fábio Braza na música Brasil colônia, em que realiza uma análise estrutural da situação atual do país:

O grito de Independência é declamado todo dia
Nos saraus de poesia
Mas nessa fotografia
Não vemos um homem num cavalo branco,
Vemos mulheres e jovens negros da periferia
Escrevendo a própria carta de alforria
Educação é a nova abolição da escravatura
E cada verso no papel
A certeza que a cultura liberta mais que assinatura da princesa Isabel!²⁷

Assim como Racionais MC's, o *rapper* *Sabotage* ou Maestro do Canção²⁸, em referência a Comunidade do Canção, de onde nasceu- foi um dos principais representantes da cultura *Hip-Hop* dos anos 1990-2000 em São Paulo. Com uma abordagem mais leve e simpática ao narrar o cotidiano da periferia, Mauro ganhou admiração e respeito rapidamente na comunidade onde vivia. Além dele, outros rappers já tiveram contato com o tráfico, porém, muitos tiveram um fim trágico, muitas músicas dos Racionais MC's tratam de emboscadas e consequências acontecidas a colegas que não conseguiram se desvencilhar do crime.

O RAP, por ser um gênero que possui uma maior influência entre crianças e adolescentes, incentiva a busca e dedicação pelos estudos, a admiração pelo conhecimento (que é o 5º elemento do HIPHOP), o respeito mútuo, um *proceder* baseado nas normas morais e éticas estabelecidas na periferia, além de uma consciência de classe pautada em uma questão de sobrevivência da maioria da população brasileira, que vive em situações de pobreza, conflitos entre a polícia e a comunidade, dentre outras condições. Entra em questão a vinculação do RAP como um movimento de cunho político que acontece fora das salas das universidades; é um movimento que atua nas ruas, junto às comunidades e grupos sociais historicamente excluídos em prol da defesa de uma cultura também, por muito tempo, excluída. No ano de 2003, ao deixar sua esposa no trabalho, o artista foi surpreendido com quatro tiros que foram fatais, o que se especula como sendo um acerto de contas dos tempos em que o *rapper* se envolveu com o tráfico²⁹.

²⁷ ORIENTE: Brasil colônia.

²⁸ Nome artístico de Mauro Matheus dos Santos Filho (1973-2003)

²⁹ Fonte: Documentário *Sabotage: Maestro do Canção* (2015), disponível no Youtube https://www.youtube.com/watch?v=59CJ4Be48xc&ab_channel=Sabotage (acesso em 20/01/2021)

Acontecimentos vem, revela:
a vida do crime não é pra ninguém
Enquanto houver desvantagem
Só ilude um personagem, é uma viagem
A minha parte, não vou fazer pela metade
Nunca é tarde, Sabotage
Esta é a vantagem
Rapper de fato grita e diz:
O RAP é compromisso³⁰

Em algumas das músicas que produziu em vida com ajuda dos *Racionais MC's* e do grupo RZO, Mauro, que possuiu uma baixa escolaridade, compôs rimas com uma forte crítica à forma como o estado trata a população da periferia, é considerado uma lenda do RAP, servindo como inspiração para a formação ética e moral dos jovens da periferia, em especial, às crianças. Também estimulou os jovens do Capão a criar letras para que pudessem colocar para fora aquilo que interfere em seu bem-estar, possibilitando-os uma visão abrangente sobre os problemas da periferia e formas de superá-los a partir de intervenções políticas idealizadas pelos próprios moradores.

Conhecido pelo nome artístico de *Kawex*³¹, Antônio Carlos do Nascimento é considerado a reencarnação de *Sabotage*: durante 20 anos, o *rapper* viveu na *Cracolândia*, região onde vivem pessoas em situação de rua localizada em uma das zonas centrais de São Paulo, lugar que constantemente sofre interferências da polícia, na qual utiliza como justificativa o combate ao tráfico de drogas existente. O artista foi descoberto em meados de 2017 quando fazia uma intervenção musical em uma manifestação dias após uma dessas operações com um rap intitulado “São Paulo a noite o mundo se divide em dois”, que mais tarde ganharia um clipe e uma gravação oficiais. Nesta música, explora a condição de vida dos moradores da Cracolândia, onde jovens e crianças tentam sobreviver em meio às condições precárias, à constante violência policial e ao olhar da população de classe média paulista que passa por ali.

Além de compositor, Kawex também atuou em uma peça de teatro de uma companhia liderada por Flávio Falcone, um médico que trabalha na reabilitação de pessoas em situação de rua, realocando-as e buscando uma melhora de vida para as mesmas. Em uma destas apresentações, a polícia abordou o *rapper* e descobriu que em 2014, ele havia sido condenado por desacato à autoridade, após questionar o tratamento que recebia enquanto estava hospedado em um hotel graças a um programa do governo.

³⁰ Sabotage: O RAP é compromisso.

³¹ Sigla que, em tradução livre, significa Combate e Argumentos em uma Guerra Extrema.

Para não ser preso, precisou pagar um salário mínimo, arrecadado por pessoas que se solidarizaram com a situação, já que ele, por estar em situação vulnerável, não tinha como pagar.

Pra quem não me conhece,
Meu nome é Kauex, muito prazer
Vou rimar um outro mundo que ninguém quer ver
Um mundo onde não se distingue o amor da maldade
Que ganha vida quando escurece nossa cidade
[...]
Cada cabeça, um universo, pode ser um calibre fatal
Onde você se direciona para o bem ou para o mal
Ninguém arrasta ninguém para lugar nenhum
Você vai se quiser, cada um sabe o que faz
Agindo de forma violenta para encontrar a paz³²

Assim como acontece na elaboração de escrita da história, a poética presente em letras de rap se debruça na transformação de relatos pessoais ou de pessoas próximas que passaram por situações de risco quando envolvidas no mundo do crime ou no mundo das drogas em uma estrutura de versos e rimas. Voltamos então, a falar sobre a questão da raça. O doutor em sociologia Carlos Ribeiro (1995) fez uma pesquisa no Rio de Janeiro e analisou dados judiciais entre brancos e não brancos durante as décadas de 1900-1930, buscando observar como a justiça da época julgava os casos a partir de um racismo já instaurado socialmente e os critérios que utilizavam de formas diferentes para pessoas brancas e pessoas negras, indígenas ou de outra descendência (RIBEIRO, 1995). O alto índice de negros e pardos observado pelo autor em estudos envolvendo essas estatísticas na cidade de São Paulo também é interpretado como discriminação racial que partiu das autoridades judiciais e da polícia:

Pode-se dizer que os não-brancos eram invariavelmente discriminados no Tribunal do Júri, isto é, se fossem acusados provavelmente seriam condenados [...]. Tanto o ditado que diz “lugar de preto é na cadeia”, quanto o que diz que “um preto a menos não faz mal a ninguém” parecem ser válidos para expressar os resultados dos julgamentos no Tribunal do Júri e o pensamento de juízes, jurados e advogados responsáveis pelos julgamentos. Tudo indica que os pretos eram discriminados e tratados como cidadãos de segunda classe no Tribunal do Júri. (RIBEIRO, 1995, P. 73)

³² KAWEX, São Paulo a noite, o mundo se divide em dois.

Tal fato se deve à uma situação histórica de negação do passado escravagista e à tentativa de embranquecimento da população. O sociólogo Florestan Fernandes (2017) em sua obra *Significado do protesto negro* explica que o Brasil não foi capaz de superar a escravização negra no período após a crise da produção escravagista. Não houve reparo às vítimas e suas gerações que foram largadas à sua própria sorte, competindo com imigrantes e mão de obra barata, ao mesmo tempo em que as manifestações artísticas, religiosas ou musicais vinculados à cultura africana e autoemancipação dos ex-escravizados passaram a ser encaradas como exóticas, distantes do que seria a identidade brasileira propagada no exterior naquele momento (FERNANDES, 2017). Estudioso do samba e sua influência na MPB, o sociólogo Muniz Sodré na obra *Samba, o dono do corpo* aborda o gênero sob a ótica de sua condição de marginalização social e explica que a repressão sofrida pelos sambistas na década de 30 se deu por causa de elementos que evidenciavam as raízes africanas (Sodré, 1998, p.13). Não é novidade que as batalhas e eventos de RAP sofrem intervenções policiais desde o princípio do movimento devido ao conteúdo das letras e a denúncia das ações do Estado para com a população da periferia, o que nos faz lembrar que houve um dia em que o samba foi criminalizado e considerado como sinônimo de “vadiagem” ao longo dos anos 20 e 30, assim como as rodas de capoeira, ambos derivados da cultura afro-brasileira (SODRÉ, 1998).

Assim como qualquer tipo de arte, o RAP passa por constantes mudanças ao se ver frente a novas reflexões e períodos históricos que demandam maior atenção. É claro que não se trata de um manifesto acabado e perfeito: alguns MC's disseminaram mensagens homofóbicas, xenofóbicas e machistas, fator que também influencia na maneira de pensar dos jovens que ouvem a música. “Estilo Cachorro”, uma música do grupo Racionais MC's é um exemplo de letra que não faz mais parte do show³³: após várias críticas ao conteúdo de caráter misógino presente na música, que objetifica e sexualiza a mulher, o grupo decidiu tirar a letra do repertório. Com o desenvolvimento da recente cena cultural voltada para o *HIP-HOP* no Brasil, este cenário vem se modificando paulatinamente.

³³ Entrevista concedida pelo Mano Brown, vocalista do Racionais MC's: “Tem música que eu não canto mais.” Mano Brown e Francisco Bosco discutem lugar de fala e apropriação cultural. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LjUiDoQEb9o&ab_channel=TripTV (Acesso em 20/01/2021).

AS FACES DO RAP E A RESISTÊNCIA EM OUTROS LUGARES DE FALA

Com o passar do tempo e a difusão do *RAP* por outras regiões do Brasil, outras questões foram colocadas em pauta. Nesse momento do texto, serão abordados o RAP feminista, indígena e LGBTQIA+, movimentos que abraçaram o movimento e o mesmo pôde representar pessoas que vivem diariamente em situação de exclusão, perseguição ou intolerância e assim, pluralizam suas vozes. A primeira rapper do Brasil, Sharylaine³⁴ iniciou a carreira em 1986 e também foi fundadora do Rap Girls³⁵. Também pioneira no RAP nacional na década de 90, Dina Di³⁶ junto ao grupo Visão de Rua foi uma grande referência, vindo a falecer em 2010. Cris SNJ, uma das cantoras mais influentes do gênero iniciou a carreira nos anos 90 questionando os estereótipos de gênero e sendo a voz feminina do grupo paulista Somos Nós a Justiça. Ainda nos anos 90, Nega Gizza³⁷ foi a primeira locutora de uma rádio de RAP³⁸, Kmillia CDD³⁹ atua no RAP junto com seu irmão MV Bill⁴⁰ desde os anos 1990 e em 2017 lançou seu primeiro EP independente. Vera Verônika, primeira rapper do Distrito Federal também é compositora e pedagoga, lançando seu primeiro álbum no ano de 2003.

Ainda em meados do ano 2000 no Distrito Federal, surgia um grupo de três mulheres denominado Atitude Feminina, que tem como símbolo o feminismo negro. Em uma das letras do grupo, intitulada “Rosas”, as *rappers* narram situações cotidianas de mulheres que sofrem violência doméstica, intercalando versos com relatos reais. Lívia Cruz, *rapper* natural de Recife e atualmente residente em São Paulo, é uma das mulheres mais influentes no movimento atualmente, junto a Flora Matos, de Brasília e Karol Conka⁴¹, de Curitiba: o protagonismo feminino deu um novo aspecto de luta ao *RAP*, denunciando para além da questão da cor, a violência sofrida por milhares de mulheres em um país onde uma mulher é morta a cada duas horas (este número fica mais alarmante quando a maior parte destas mulheres mortas é negra). Nestas letras, são apresentadas e discutidas pautas feministas e de valorização à vida da mulher, igualdade

³⁴ Ildslaine Monica da Silva.

³⁵ Primeiro grupo de RAP nacional formado apenas por mulheres.

³⁶ Viviane Lopes Matias.

³⁷ Gisele Gomes de Souza.

³⁸ HIPHOP Brasil, rádio Imprensa FM (1999-2000).

³⁹ Kamila Barbosa; a sigla CDD faz referência à Cidade de Deus, onde ela e seu irmão cresceram.

⁴⁰ Alex Pereira Barbosa.

⁴¹ Karoline dos Santos Oliveira

salarial e social perante os homens; o que aumenta a autoestima e o auto reconhecimento tanto das artistas quando das ouvintes.

Presenciei tudo isso, dentro da minha família
Mulher com o olho roxo, espancada todo dia
Eu tinha uns 5 anos mas já entendia
Que mulher apanha, se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente

[...]

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
Tentam nos confundir, distorcem tudo que eu sei
Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
Tô no mar crescente porque eu faço diferente⁴²

A história das mulheres também é reverenciada nas letras de RAP, a trajetória de mulheres que participaram da construção emancipatória pelo direito de emitir opiniões, de ser autônoma, de votar, de poder fazer escolhas, de poder escolher com quem casar ou até mesmo ter o direito de não se casar, são citadas nas músicas. Questões envolvendo a questão de saúde pública e atendimento à mulher são abordadas, a exemplo da legalização do aborto e da situação das mulheres que sofrem abusos médicos durante o parto, temas que ainda são ignorados em alguns setores da sociedade. O RAP também faz críticas à sociedade formada em torno do homem e para o homem, ainda sem tanto espaço de fala para a mulher, algo que está se modificando há algumas décadas; esta mudança acontece com a conscientização da situação histórica da mulher, algo que o RAP se preocupa em denunciar.

O primeiro grupo de RAP indígena, Brô MC's⁴³, surgiu em 2009. Os integrantes são naturais de uma comunidade indígena Guarani Kaiowá, localizada no Mato Grosso do Sul. Em um primeiro momento, era formado apenas por dois integrantes, posteriormente, após uma oficina de HIPHOP, mais dois membros foram incorporados, dando origem a mais uma forma de resistência indígena. Os integrantes relatam que no início, não tinham aprovação dos líderes nativos da comunidade; fato que só mudou após conversas e a explicação de que o movimento HIPHOP podia ser mais um pilar na luta contra a dominação e exploração de terras indígenas.

⁴² Karol Conka e MC Carol: 100% feminista.

⁴³ Grupo composto por Bruno Veron, Clemerson Batista, Kelvin e Charlis Peixoto.

O caso do RAP produzido por indígenas é exemplar no que diz respeito à apropriação do espírito contestatório do gênero para servir a uma “nova” causa. Durante as filmagens de Terra Vermelha, longa-metragem de ficção sobre a questão indígena em Mato Grosso do Sul, os irmãos Guarani kaiowá Clemerson e Bruno compuseram a letra de um rap, “Saudação da aldeia”, misturando português e Guarani. Incluído no filme, o rap de forte componente crítico acabou protagonizando uma cena de grande impacto. (TEPERMAN, 2015, p. 108)

O impacto causado pelo grupo *Brô MC's* na cena do movimento fez com que outros artistas indígenas como Kunumi MC (Werá Kunumi, *rapper* de 17 anos de origem guarani, em uma das comunidades localizada em São Paulo) e outros grupos de origem nativa adotassem o rap como manifestação cultural, em que pedem a demarcação de terras indígenas e a preservação da cultura e costumes de seu povo, bem como o respeito aos cultos religiosos, à vida e liberdade dos próprios nativos (TEPERMAN, 2015).

Terra vermelha, o sangue derramado
Pelos guerreiros do passado massacrados
Fazendeiros, mercenários, latifundiários
Vários morreram defendendo sua terra
Onde vivo, na aldeia, já existe guerra
[...]
Terra onde nascemos e vivemos
Com as etnias Kaiowá, Guarani e Tereno⁴⁴

Também existem os rappers que representam o cenário LGBTQI+ no Brasil: Assim como as mulheres, o Brasil é um dos países que mais mata travestis e transexuais no mundo todo⁴⁵, dados alarmantes cercam a vida de pessoas que, pela opção sexual, acabam incomodando uma sociedade patriarcal, na qual quem dominou por muito tempo foi o homem cristão heteronormativo⁴⁶:

Uma semana após o Brasil bater o recorde de pessoas trans eleitas nas eleições municipais, novos dados do Trans Murder Monitoring (“Observatório de Assassinatos Trans”, em inglês) apontam que, apenas nos primeiros nove

⁴⁴ Brô MC's: Terra vermelha.

⁴⁵ Fontes: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-continua-sendo-o-pa%C3%ADs-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relat%C3%B3rio> (acesso em 20/01/2021);

⁴⁶ Fonte: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais> (Acesso em 20/01/2021)

meses de 2020, 124 pessoas transexuais foram mortas no Brasil. Com isso, o país ocupa o inglório topo do ranking dos mais violentos para essa população pelo 12º ano consecutivo. México e Estados Unidos vêm em seguida, com 528 e 271 assassinatos reportados, respectivamente.⁴⁷

É importante salientar que a presença de rappers LGBTQIA+ no Brasil existe e é diversa. Conhecido no mundo do RAP como *Rico Dalasam*⁴⁸ é um dos principais representantes da comunidade que luta pelo direito à vida independente do gênero e contra os crimes de homofobia. A rapper Bixarte⁴⁹, natural de João Pessoa, no estado da Paraíba também representa o gênero trans não-binário e hoje uma das maiores influências do RAP nacional. Assim sendo, é notável a gama de protestos aos quais o RAP se incorporou a partir da luta negra, vinculando a experiência diária junto a uma representatividade étnica, de gênero e regional de diversos setores da sociedade que não possuem os mesmos direitos de uma elite que, historicamente, sempre teve um lugar de destaque e manutenção do lugar político-social que se encontra.

O engajamento social e a conscientização política permitem ao ouvinte do RAP de protesto⁵⁰ refletir sobre as condições de formação de nossa sociedade, fazendo uma oposição crítica ao sistema capitalista, ao neoliberalismo, aos privilégios pertencentes à pequenos grupos da sociedade, à concentração de riquezas, à globalização e finalmente, a uma desigualdade social, espacial e cultural.

NORDESTE ME VESTE: O RAP REGIONAL

Um dos primeiros grupos de RAP de Fortaleza - CE, surgindo no início dos anos 2000 é o Costa a Costa, com letras originais, críticas e na melodia, incorporavam referências instrumentais latino-americanas a exemplo do mambo e do reggaeton (TEPERMAN, 2015). Em 2007, lançaram sua primeira mixtape através de seu selo

⁴⁷ Fonte: <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/> (acesso em 20/01/2021)

⁴⁸ Jefferson Ricardo da Silva; A sigla DALASAM significa “Disponho Armas Libertárias a Sonhos Antes Mutilados”; muitos rappers contemporâneos aderem a este estilo de nome artístico: uma sigla a partir das palavras iniciais de uma frase/ expressão próprias.

⁴⁹ Bianca Manicongo.

⁵⁰ Diferente de outros estilos de RAP: ostentação, RAP love, etc, trata-se de temas mais críticos, voltados aos temas sociais.

independente. Um dos pioneiros do RAP em Pernambuco é o rapper Zé Brown, iniciando a carreira na década de 90, sendo um dos criadores do grupo Faces do Subúrbio, um dos principais grupos de RAP fora do eixo Rio-SP. Em sua carreira solo, o artista mescla os ritmos da embolada, do samba, do côco de roda, do maracatu e do forró com o RAP. Também devemos dar atenção especial a um gênero musical de origem pernambucana, o mangue beat, que apesar de não ser considerado RAP, influenciou o Faces do Subúrbio (TEPERMAN, 2015) e faz parte do movimento HIPHOP:

Chico Science e Nação Zumbi não eram identificados nem se posicionavam como um grupo de RAP. Mas a maneira de cantar de Chico, assim como a de Jorge Dupeixe, que o substituiu após sua morte, é uma versão muito particular do canto falado do RAP, com um uso comedido e inteligente das alturas. Sem nunca reivindicar o estatuto de rappers, Chico e os membros do Nação Zumbi reconhecem a influência recebida da cultura HIPHOP. (TEPERMAN, 2015, P. 93)

De volta ao RAP cearense, o artista RAPadura Chico-Xique⁵¹, cujo nome artístico faz um trocadilho, incorporando a sigla *RAP* ao doce feito da cana de açúcar, junto ao apelido de Francisco, seu nome próprio seguido de uma espécie de planta nativa, de nomenclatura xique-xique, é um dos compositores que mescla a utilização de expressões e gírias do vocabulário nortista e nordestino com a estética do *RAP*, adaptando-o a ritmos enraizados na região como o *forró* e o *coco de roda*, bem como tradições orais e culturais que ainda fazem parte do cotidiano artístico em âmbito nordestino, a exemplo do repente, da embolada e da cantoria, baseado no improviso, acompanhado de uma viola e dois cantadores. Mais uma vez, há um encontro de culturas; com referências a músicos, literários e poetas como Luiz Gonzaga (1912-1989), Patativa do Assaré (1909-2002) e Jackson do Pandeiro.

Meto meu chapéu de palha, sigo pra batalha
Com força, agarro a enxada se crava em minhas
Mortalhas
Tive que correr mais que vocês pra alcançar minha vez
Garra com nitidez, rigidez me fez monstro camponês⁵²

⁵¹ Francisco Igor Almeida dos Santos, natural de Fortaleza-CE.

⁵² RAPadura; Norte Nordeste me veste.

Em suas composições, RAPadura denuncia as dificuldades e os obstáculos que dão ao Nordeste, a segunda região mais populosa do Brasil, o primeiro lugar no tocante às regiões mais pobres do país, afetando 43,5 % da população.⁵³ Como nos explica a historiadora Rosa Maria Godoy Silveira (1984) no livro “*O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*”, tal fato se deve ao desenvolvimento histórico-social da região, que, por muito tempo, foi palco de embates políticos entre famílias vinculadas a partidos políticos que representavam seus próprios interesses e perpetuação no poder como instrumento de ação política (SILVEIRA, 1984). Um outro problema que afeta a região está pautado na questão ambiental da seca, que não recebe investimentos governamentais na tentativa de diminuir seu impacto no meio ambiente e na vida de famílias que vivem em locais onde a escassez de chuva é constante. Por outro lado, o Nordeste também é lugar de cultura: lugar do Olodum da Bahia, do *mangue-beat* criado pelo pernambucano Chico Science, do frevo, do maracatu e suas raízes africanas, do baião, do samba e coco de roda; cada uma destas manifestações artísticas possui uma identidade em particular, preservando e resgatando a tradição e memória de um povo.

O rap produzido e cantado por artistas nordestinos está em fase de muita colheita. O cearense Don L fez recentemente um show apoteótico no Sesc Pompeia, em São Paulo, para lançar seu segundo trabalho solo, a mixtape Roteiro pra Ainouz Vol. 3. Diomedes Chinaski e Luiz Lins, ambos de Pernambuco, se apresentaram no Festival Rec Beat para milhares de pessoas no centro do Recife. Do Ceará, Carlos Gallo está prestes a lançar seu primeiro — e aguardado — trabalho solo. [...] O baiano Baco Exu do Blues fez, em fevereiro, shows concorridos em São Paulo e, junto de Don L, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Também de Salvador, Vandal é presença constante nos shows do Baiana System. Há um holofote ligado na direção destes, e de outros nomes, em uma indústria musical que nunca escondeu sua predileção pelo eixo Rio-São Paulo e em muitos casos, inclusive, a xenofobia. (ARAÚJO, 2018)⁵⁴

Por mais de uma vez, o destaque midiático do *RAP* estava voltado apenas para a região Sudeste (SP e RJ); os estereótipos de região ainda têm uma forte influência na

⁵³ Fonte: IBGE (2017), disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza> (acesso em 19/10/2019).

⁵⁴ Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/don-l-baco-exu-do-blues-e-o-que-esta-por-tras-da-cena-de-rap-nordestina>, acesso em 25/10/2019.

produção cultural no Brasil. Um aspecto marcante nas letras de artistas nordestinos é a crítica às crises e as soluções concentradas na lógica do menor gasto possível; a violência policial também é abordada, junto a um desabafo no tocante ao preconceito de região, que percorre vários âmbitos. Em São Miguel dos Campos - Alagoas, um dos grupos de RAP de maior destaque é o NSC (Neurônios Subconscientes), formado por Alex, Sophia e Kamikaze no vocal e pelo DJ PH como *Disk-Jóquei*. Formado no ano 2000, o grupo ganhou respeito e admiração por todo o Nordeste, especialmente quando abriu o show dos Racionais MC's em 2010.

Se errei, não errei, só Deus pode me julgar
Só não quero ver os moleque aqui nesse lugar,
Aí, guri vai estudar teu professor é teu amigo,
Fica longe da esquina, a esquina é zona de perigo [...]⁵⁵

As composições do grupo fazem referência à violência nas periferias de Alagoas (com ênfase na capital Maceió onde vivem), à má distribuição de renda no Nordeste, além de situações de risco que perpassam o dia a dia da periferia alagoana. Em algumas de suas composições (“Quem vai chorar” - 2011, “Sai da esquina” - 2013), os integrantes citam a importância da busca pelos estudos para um futuro melhor para os jovens que percorrem o caminho do dinheiro fácil, cuja a linha de chegada se encontra na prisão ou na morte: o grupo revela as estatísticas e homenageia as pessoas que tinham nomes e viraram números. Outro rapper de Alagoas, Rimador faz duras críticas à polícia militar: a música “óia os herói” é uma das músicas mais críticas do rapper, explorando a corrupção dentro do sistema policial no tocante ao suborno, ao flagrante forjado, além da falta de profissionalismo e humanidade das instituições de segurança do Estado.

Diante do que foi exposto, é possível perceber que o engajamento social e a conscientização política proveniente do movimento Hip Hop permitem ao artista e ao ouvinte de RAP refletir sobre as condições de formação de nossa sociedade, fazendo uma oposição crítica ao sistema capitalista, ao neoliberalismo, aos privilégios pertencentes à pequenos grupos da sociedade, à concentração de riquezas, à globalização e finalmente, a uma desigualdade social, espacial e cultural, engajando-se socialmente na busca de uma sociedade mais justa. Partindo para as considerações finais a partir do que foi exposto, é possível perceber que os contrastes sociais que são

⁵⁵ NSC: Sai da esquina.

evidenciados nas letras de RAP configuram em uma característica própria do gênero: ao mesmo tempo em que há a denúncia da fome, da pobreza, da violência, se demonstra um orgulho em vir da periferia e lutar por ela através destas denúncias sociais, algo que gera um maior respeito a outros pontos de vista e lugares de fala (TEPERMAN, 2015).

O RAP é uma arte plural que abarca em seu eixo vivências, experiências, memórias, trajetórias, identidades, formas de expressão e pontos de vista distintos que quando absorvidos dentro do Ritmo e da Poesia proporciona o que Florestan Fernandes vai chamar de autoemancipação coletiva, imprescindível para uma transformação da realidade (FERNANDES, 2017). “... Goste ou não, queira ou não, o negro constitui uma das forças vitais da revolução democrática e da revolução nacional.” (FERNANDES, 2017, p. 67) Essa frase, dita por Florestan durante o período de abertura política da ditadura militar sobre as tarefas políticas do protesto negro, enfatiza a importância da participação ativa da população negra na busca e construção de uma verdadeira democracia racial e social.

O autor questiona as continuidades da escravização por outros métodos, a exemplo da exploração do trabalho sustentadas pelo sistema capitalista, do sistema carcerário que possuímos e atende ao neoliberalismo, das privatizações, dentre outras esferas que afetam em primeira instância pessoas pobres e negras (FERNANDES, 2017). Nesse sentido, o movimento HIPHOP se faz um grande aliado da chamada *segunda abolição*: o RAP de protesto, resultado de experiências e fluxos culturais está presente materialmente no cotidiano de pessoas negras de periferia seria um dos responsáveis pela construção de uma consciência racial coletiva, propiciando um ambiente de reflexão e denúncia situações de opressão, exploração ou controle social (CAMARGOS, 2015).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro: *Um, dois. um, dois: O exercício do RAP nordestino: dois momentos em que o rap precisou tirar o holofote do eixo Rio- São Paulo*; Revista *Trip*; 2018.

CARRIL, Lourdes: *Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania*, São Paulo, Anablume, Fapesp, 2006

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo; *Rap: Transpondo as fronteiras da periferia*, in.: *RAP e educação, RAP é educação*; Elaine N. de Andrade (org.); SP; Summus; 1999.

LIMA, Luísa Nunes Mendonça de: O RAP como cultura de resistência na Paraíba nos anos 2000, Trabalho de conclusão de curso, Campina Grande, UFCG, 2019.

SHUSTERMAN, Richard: *Vivendo a arte: a estética pragmatista e a estética popular*, SP, Ed. 34, 1998.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy: *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*, São Paulo, Editora Moderna, 1984.

SODRÉ, Muniz: *Samba, o dono do corpo*, Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

TEPERMAN, Ricardo: *As transformações do Rap no Brasil*; 1 ed; SP; Clano Enigma, 2015.

SITES:

<https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/10/2019/regiao-metropolitana-do-rio-teve-20-criancas-baleadas-somente-este-ano>; (acesso em 14/10/2019).

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza> (acesso em 19/10/2019).

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/don-l-baco-exu-do-blues-e-o-que-esta-por-tras-da-cena-de-rap-nordestina>; (acesso em 25/10/2019)

<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-continua-sendo-o-pa%C3%ADs-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relat%C3%B3rio> (acesso em 20/01/2021);

<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais> (Acesso em 20/01/2021)

<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/> (acesso em 20/01/2021)

Documentário Sabotage: Maestro do Canção (2015), disponível no Youtube https://www.youtube.com/watch?v=59CJ4Be48xc&ab_channel=Sabotage (acesso em 20/01/2021)

Mano Brown e Francisco Bosco discutem lugar de fala e apropriação cultural.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=LjUiDoQEb9o&ab_channel=TripTV (acesso em 20/01/2021).

Programa do Jô com Jocenir disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=W0uTwyoI2s4&ab_channel=F%C3%A1bioPrado
Publicado em 30/03/2013, (acesso em 20/01/2021)

MÚSICAS:

Brô MC's: Terra vermelha, álbum Brô MC's, 2009, 5:28 min.;
Karol Conka e MC Carol: 100% feminista; Bandida; 2016, 3:20 min;
KAWEX, São Paulo a noite, o mundo se divide em dois; Prod. Canoa, 2019, 2:52 min.;
NSC: Sai da esquina, PH QG dus manos, 2013, 5:21 min.;
ORIENTE: Brasil colônia; Rio de Janeiro; 2018; 6:40 min.;
Racionais MC's: A vida é desafio; Nada como um dia após o outro dia; 2002, 7:13 min;
Racionais MC's: Diário de um detento, Álbum sobrevivendo no inferno, 1997, 7:30 min.;
Racionais MC's: Jesus Chorou, Álbum Nada como um dia após o outro dia; 2002, 7:52 min.;
RAPadura; Norte Nordeste me veste; Acústico Oficina Francisco Brennan, 2016, 4:45 min.;
Sabotage: O RAP é compromisso, Álbum RAP é compromisso, Cosa Nostra, 2000, 4:24 min.;
Thaíde e DJ HUM, Soul do Hip Hop; LP Brava gente, SP, 1994, Disco independente, 4:46 min.

